

NOSSA SENHORA DA SAÚDE – UM SANTUÁRIO SEISCENTISTA NO PLANALTO DO BARROSO*

Rosa Giesta**

O Santuário da Senhora da Saúde de Vilar de Perdizes integra-se no tecido dos santuários do noroeste português pelas características arquitectónicas, capela de peregrinação onde o alpendre (ou cabido) prolonga a Capela e pelas práticas religiosas vividas ao longo do ano, por ocasião de festas e/ou romarias. Quase todos os santuários devem a sua origem a aparições, revelações, lendas e milagres. A origem do Santuário de Vilar de Perdizes é distinta e remonta a meados do século XVII quando o Reverendo Reitor Paulo de Araújo mandou construir a Capela onde teria sepultura e se celebrariam as missas do legado. Paulo de Araújo, natural de Braga, escolheu para lugar da Capela a veiga de Solveira, situada mais ou menos no meio da sua freguesia, Vilar de Perdizes, que, à época, integrava os povos de Santo André e Solveira. O lugar, ermo e aprazível, acessível por se encontrar junto ao caminho público, estava associado a cultos ancestrais por ser encruzilhada de caminhos e estar perto do Altar da Penascrita. Teria sido intenção do Reitor cristianizar o lugar e, em simultâneo, criar condições para o desenvolvimento do culto mariano. É possível que tenha pensado, até, em santuário mariano inexistente na região. Vivia-se a Guerra da Restauração e fazia sentido desviar os fiéis dos santuários galegos (caso de Os Remedios de Verín), numa afirmação de independência nacional. Por estas razões e, por devoção pessoal, Paulo de Araújo escolhe para padroeira a Senhora da Saúde ao tempo muito popular em Lisboa (associada à peste) e no Alentejo (associada à protecção de campos e gados) locais de destino das migrações de seus paroquianos.

* Trabalho baseado na dissertação de mestrado (História das instituições e cultura moderna e contemporânea – Universidade do Minho) – *A Senhora da Saúde de Vilar de Perdizes – Memória e história de um santuário raiano*.

** Mestre em História das Instituições e Cultura Moderna e Contemporânea na Universidade do Minho. Professora na Escola Secundária de Carvalhos, Vila Nova de Gaia.



Santuário da Senhora da Saúde de Vilar de Perdizes

O santuário raiano de N.ª Sr.ª da Saúde de Vilar de Perdizes¹ pelas suas características arquitectónicas, capela de peregrinação de estrutura simples com capela-mor e corpo da capela que se prolonga pelo cabido ou alpendre, com um amplo adro onde em dia de romaria a procissão dá a volta ao cruzeiro, com a série de belíssimos quartéis, com a fonte de mergulho, a frequência de romeiros galegos e até pela sua situação geográfica pode ser considerado um santuário regional. As práticas devocionais quotidianas e aquelas que têm lugar por altura das festas com prometidos, ex-votos ou milagres, doações, missas, cantigas, integram-se numa vasta região que transpõe as fronteiras do Barroso e se prolonga pelo distrito de Vila Real e, naturalmente, pelo Alto Minho, o chamado noroeste português em que Braga, a sede da velhíssima Arquidiocese, é centro polarizador de costumes, lendas e tradições que se fundiram numa cultura religiosa comum. Na Época Moderna multiplicaram-se os santuários marianos. De pequenas dimensões marcam a paisagem pela sua simplicidade, pela beleza dos lugares ermos e pela sua integração no espaço envolvente. O estudo destes santuários do norte de Portugal é, no dizer de Natália Ferreira Alves *um dos processos mais válidos para o*

¹ Vilar de Perdizes é uma freguesia do Concelho de Montalegre, distrito e diocese de Vila Real. Outrora era uma das seis honras de Barroso e pertencia à Arquidiocese de Braga.

*conhecimento da mentalidade religiosa duma região*². Desvalorizados pelas autoridades civis e religiosas e até pelas populações locais, o seu estudo pode contribuir para a sua preservação enquanto património edificado e memória colectiva dos povos. Quase todos os santuários devem a sua origem a aparições, revelações, lendas ou milagres. A origem do Santuário de N.ª Sr.ª da Saúde é distinta e remonta a meados do séc. XVII quando o Reverendo Reitor de Vilar de Perdizes, Paulo de Araújo mandou construir uma capela onde teria sepultura e se celebrariam as missas do legado. Escolheu para lugar da Capela a veiga de Solveira, situada mais ou menos no meio da sua freguesia que, à época, integrava os povos de Santo André e Solveira. Este lugar ermo e aprazível, acessível por se encontrar junto ao caminho público estava associado a cultos ancestrais por ser encruzilhada de caminhos e estar perto do Altar da Penascrita³. Teria sido intenção do Reitor cristianizar o lugar e, em simultâneo, criar condições para o desenvolvimento do culto mariano? Pouco se sabe do Reverendo Paulo de Araújo. Em 1647 era já reitor de Vilar de Perdizes. A falta de Matrículas de Ordens e Inquirições *de genere* não permite conhecer a data do seu nascimento, filiação ou outros dados biográficos. O Quadro de fundação que encima a porta principal da Capela, datado de 1658, refere que foi abade de S. João de Braga de onde era natural. Consigo trouxe um criado, Domingos Costa, natural de S. Martinho de Dume. Por falta de registo de óbito e/ou testamento não se sabe a data da morte, mas é provável que tivesse ocorrido em finais de 1663. Já no começo de 1660 a sua caligrafia nos registos paroquiais revela perda de faculdades físicas provocadas por doença e/ou velhice. No início de 1664 é já o Padre Pedro Correa seu sucessor na reitoria quem assina os registos. A Instituição da Capela foi registada no Tombo das Capelas da Comarca de Chaves, em 19 de Janeiro de 1663, a pedido do instituidor e levada pelo Padre João de Chaves, cura de Meixide. Poucos anos antes de morrer, talvez já com idade avançada, o Reitor Paulo de Araújo pensou e concretizou a construção da capela onde seria sepultado e nela instituiu uma missa em todos os sábados do ano e ainda no dia da festa da Senhora, a segunda oitava do Espírito Santo. Em Abril de 1654 o reitor comprou o foro de quatro alqueires de centeio dos seis que seriam a dotação *para sempre e para a fabrica e sustentação da ermida de Nossa Senhora da Saúde (...)*⁴.

Em Maio deste ano, 1654, o Reverendo Pero Dias, Vigário de Serraquinhos a mando do Provisor, vai visitar a Capela para dar seguimento ao pedido de licença para a bênção⁵. A autorização é dada em Braga no dia 17 desse mês e ano. Frei Agostinho de Santa Maria refere-se a 1655 *pouco mais ou menos*⁶. Poder-se-á estranhar não ser apontada uma data certa até porque o informador, o reitor Alexandre de Oliveira, à época (1721) teria a documentação necessária para o fazer. Parece que a dúvida passará pelo aumento que Paulo de Araújo resolveu fazer posteriormente e para o qual fez nova dotação de mais quatro medidas de centeio, em 1656. Para a capela de missas foram compradas neste ano 31 medidas de pão perpétuas, destinadas ao capelão que as disser. O

2 Natália Marinho Ferreira Alves – *O Santuário do Senhor de Perafita*, p. 9.

3 O Altar da Penascrita é, segundo António Fontes, uma miniatura do Santuário de Panóias (Vila Real). António Lourenço Fontes – *Aras Romanas e Terras de Barroso desaparecidas*, p. 6.

4 A. D. B. – Registo Geral, livro 33, *Termo de Licença...*, fls. 106-106v..

5 A. D. B. – Registo Geral, livro 33, *Petição*, fl. 107.

6 Frei Agostinho de Santa Maria – *Santuário Mariano*, tomo VII, livro IV, título XIII, Lisboa, 1721, p. 438.

abade de Miragaia⁷ e o Inquérito Diocesano de 1928⁸ referem 1660 como data de fundação. A primeira missa de intercessão a N.^a Sr.^a da Saúde é de Abril de 1655, prova que nesta data a Capela já estava funcional⁹.

A administração da Capela e do vínculo ficou por decisão do instituidor a cargo do reitor de Vilar de Perdizes a quem caberia apresentar capelão e ermitão. Dizia Paulo de Araújo que a Senhora seria mais bem servida e venerada se houvesse ermitão que deveria ser, de preferência, solteiro, de bons costumes e limpa geração. Ficariam à sua guarda as chaves da Igreja e ocupar-se-ia de tudo incluindo a limpeza e conserto dos altares. Teria casa e horta e disporia das esmolos. Para que tudo fosse cumprido segundo a sua vontade pediu o Reitor Paulo de Araújo a intervenção dos Visitadores de Chaves¹⁰.

A construção inicial da Capela era, segundo refere o Reverendo Pero Dias, *tão perfeita que por estas partes não há outra que lhe fasa vantagem assim na obra de pedraria como em madeiramento não falando na perfeição da imagem da Senhora e retábulo de pedra e mais ornamentos necessarios do altar para se administrarem os sacramentos que tudo he perfeito (...)*¹¹. Por falta de documentação nada mais se sabe da construção inicial. Não se conhece o autor do risco, quem foram os mestres pedreiros e carpinteiros e demais oficiais nem de onde vieram. Será de supor que possam ter vindo de Braga donde é natural o Reitor. A inexistência do contrato da obra não permite saber prazos e custos. Registe-se a opinião do Vigário de Serraquinhos: a capela era perfeita e por aqueles lados, talvez nas aldeias de Barroso não haveria outra assim. Fosse como fosse, o certo é que, por razões que se desconhecem – talvez Paulo de Araújo pensasse já em Santuário mariano inexistente na região – a Capela vai sofrer um acréscimo logo nos anos seguintes. É de crer que tivesse sido acrescentado o corpo da Capela com os altares laterais de S. João e de S. José.

De estrutura simples, a Capela construída toda em granito, era composta por capela-mor, corpo da capela, cabido e, adossado do lado norte, a sacristia. Também deste lado existe um anexo que dá acesso ao púlpito construído posteriormente. A capela-mor separa-se do corpo da capela por um arco de alvenaria assente em duas pilstras de granito. Este tipo de arquitectura chã e rectangular que se prolonga por um cabido ou alpendre é frequente no norte de Portugal. Fruto da conjuntura da Restauração, é bem portuguesa e vai de encontro ao gosto pelas reduzidas dimensões. O alpendre é, como diz José Fernandes Pereira¹², característico das igrejas de peregrinação de finais do séc. XVII. Com uma planta restrita ao essencial é o altar-mor que concentra a atenção dos fiéis. É lá que se encontra a imagem do orago, aqui a Senhora da Saúde. O retábulo era inicialmente de pedra mas dele não há vestígios ou mais informações.

7 Pinho Leal – *Portugal Antigo e Moderno...*, Lisboa 1886, p. 1262.

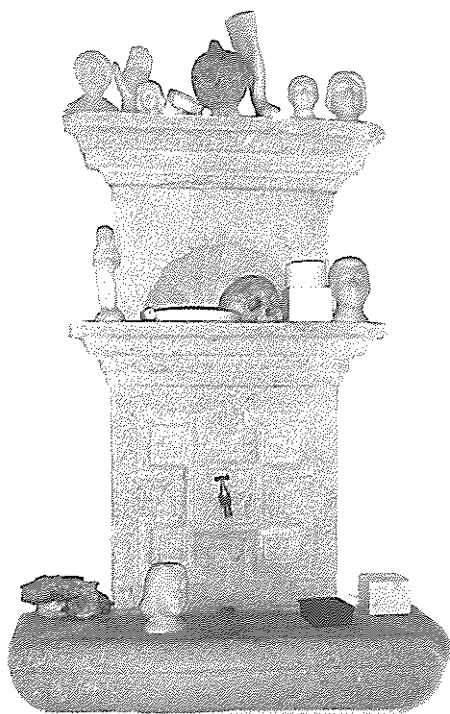
8 A. P. V. P. – *Inquérito Diocesano*, 1928, fl. 3v..

9 A. P. V. P. – *Livro Misto (1647-1666)*, fl. 89.

10 A. P. V. P. – *Libro das Contas...*, *Treslado da instituição da capela de Nossa Senhora da Saude*, fls. 3-3v..

11 A. D. B. – *Registo Geral*, livro 33, *Petição*, fl. 107.

12 José Fernandes Pereira – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, p. 43.

*Lavatório da sacristia*

Em meados de seiscentos era bem possível que se fizessem sentir influências renascentistas, visíveis na geometria e simetria do lavatório da sacristia, embora talhado toscamente, muito mais certamente no retábulo. A estrutura geométrica do retábulo assumia-se como a fachada de um templo onde, num nicho central a imagem do orago facilitava a entrada no mundo da espiritualidade. Este modelo saído do pensamento teórico de arquitectos era seguido em pequenas capelas e ermidas. Podia ser o caso da Capela da Senhora da Saúde. Não se sabe. A partir da segunda metade do séc. XVII poder-se-á falar em estética barroca mas é a via decorativa do Barroco que se imporá pela plasticidade e cromatismo da chamada talha nacional. Adaptava-se bem à pequena escala de igrejas e capelas e reflectia uma nova sensibilidade religiosa e ao mesmo tempo o desejo de afirmação de originalidade artística e política face à vizinha Espanha. Seria o caso da Capela da Senhora da Saúde onde a simplicidade primitiva ter-se-ia enriquecido com um retábulo ao gosto da época, isto é, de talha nacional. A talha dourada e/ou policromada maravilhava o povo que se deixava seduzir *pelos dogmas iconográficos tridentinos*¹³. Era um sinal de riqueza, de certa abundância que contrastava com a crueza da vida. Não se sabe quando foi feito. A única referência encontrada diz que o Reitor Pedro Correa havia vendido um nabal oferecido à Senhora para ajuda do retábulo, algum tempo antes de 1670¹⁴.

¹³ *Idem*, p.70.

¹⁴ A. P. V. P. – *Libro das Contas...*, fl. 5.



*Senhora da Saúde – Imagem de madeira policromada
(alt. 119 cm.), séc. XVII.*

Foto de António Fontes.

A Capela foi dedicada pelo seu fundador a N.^a Sr.^a da Saúde *por ter grande devoção á Rainha dos Anjos e para que de todos pudesse ser buscada e venerada lhe deu aquele devoto titulo*, diz Frei Agostinho de Santa Maria¹⁵. Por necessidade do povo, devoção pessoal ou por ambas, por certo seria intenção do Reitor desenvolver o culto mariano em sua paróquia. A piedade popular repartia-se à época da fundação da Capela por S. Miguel (o padroeiro de Vilar de Perdizes), a Santa Cruz, anexa ao Paço dos Morgados, a Senhora das Neves e Santa Marinha, em capelas e ainda Santo André e Santa Eufémia (Solveira). Talvez já existisse na Igreja Paroquial o altar da Senhora do Rosário. Seriam duas as invocações marianas, para o tempo insuficientes, se se pensar que a política reformista da Igreja Católica apontava para o desenvolvimento do culto mariano como reacção ao protestantismo. As igrejas, capelas e altares dedicados a Nossa Senhora multiplicaram-se em inúmeras invocações. Uma relacionada com a teologia, outras com a geografia, a toponímia, a botânica, a Senhora adquiriu *mil* títulos, alguns até insólitos. Invocar a Senhora como da Saúde, da Caridade, dos Milagres, dos Remédios, do Bom Sucesso, do Amparo, entre outras, é realçar a dimensão de grande humanidade de Maria, mãe dos homens. Tendo como base as missas de intercessão incluídas no bem d'alma pode concluir-se que além da Sr.^a das Neves as invocações mais populares em Vilar de Perdizes, à época da fundação da Capela, são as Senhoras dos Remédios e da Caridade, ambas padroeiras de santuários galegos. Não terá pensado Paulo de Araújo que a Senhora da Saúde iria ao encontro das necessidades do seu povo ainda mais carente por ser tempo de guerra? E não faria sentido *desviar* os fiéis dos santuários galegos, numa afirmação de independência? A Senhora da Saúde era ao tempo já muito popular em Lisboa e no Alentejo, locais de destino de seus paroquianos nas migrações periódicas. Terá chegado notícia de seus milagres? A piedade popular alterou-se significativamente na segunda metade de seiscentos. A Senhora da Saúde substituiu as Senhoras galegas e ultrapassa largamente N.^a Sr.^a das Neves. Segundo refere Frei Agostinho de Santa Maria havia, em inícios do séc. XVIII, vinte e duas imagens da Senhora da Saúde em Portugal Continental. Algumas são muito antigas, outras do séc. XVI, mas a maior parte são seiscentistas. Eram cinco em Lisboa, outras tantas no Alentejo, quatro no Bispado de Coimbra, duas em Lamego e uma em Sintra, Santarém, Tomar, Viseu, Porto (Sé) e Vilar de Perdizes. O início do culto da Senhora da Saúde está no sul do país ligado, quase exclusivamente, à peste e, de certo modo, associado ao culto de S. Sebastião que procuraria substituir em conformidade com a doutrina da Igreja. Também está associado a São Lázaro e Santo André em cujas ermidas teriam funcionado, em tempos remotos, gafarias. No Alentejo o culto da Senhora da Saúde está mais associado à protecção de campos e gados.

A imagem da Senhora da Saúde de Vilar de Perdizes é, como quase todas as outras, de madeira policromada com o Menino sobre o braço esquerdo seguindo uma iconografia difundida nos tempos modernos que, como diz Georges Duby é *acima de tudo maternal, Virgem com o Menino, fazendo do seu próprio corpo o trono de Deus, Virgem com o Manto, cobrindo e abrindo com ele a humanidade (...)*¹⁶.

Desde o início, a festa da Senhora, marcada para a segunda oitava do Espírito Santo, propiciava num povo que vivia maioritariamente da agricultura a protecção para os

15 Frei Agostinho de Santa Maria – *Santuário Mariano*, o. c., p. 438.

16 George Duby (Dir.), Michelle Perrot – *Imagens da Mulher*, p. 29.



Interior da capela

campos. À protecção dos campos e animais, característica de antigos cultos agrários, juntar-se-ia a protecção dos humanos especialmente contra as doenças. O carácter terapêutico deste santuário é reforçado pela existência da fonte e pela natureza da invocação¹⁷.

Nos inícios do século XVIII o santuário é já uma realidade e como tal é incluído no sétimo volume de *Santuário Mariano* de Frei Agostinho de Santa Maria. A capela de missas e de devoção havia-se transformado em Capela de peregrinação e era grande a afluência de romeiros, sobretudo no dia da festa da Senhora. O altar-mor de talha ao gosto joanino foi dourado em meados deste século e os altares de S. João e S. José feitos de novo, ao gosto rococó. Todo o interior é melhorado com pintura no tecto, soalho novo, púlpito e confessionários. A sacristia não é descurada. O cabido é restaurado. O terreiro da Senhora, o adro, é objecto de várias intervenções que se prolongam pelo séc. XIX: cruzeiro, fonte, muros, casa da Irmandade e alpendres.

No princípio deste século duas novas imagens, as Senhoras dos Milagres e da Caridade, são colocadas no altar-mor entretanto adaptado¹⁸. Os finais deste século são de decadência e prolongam-se até 1925 quando foi constituída uma comissão para, de novo, festejar a Senhora da Saúde¹⁹. Nestas últimas décadas as comissões de festas quiseram engrandecer o santuário alargando o recinto, erguendo novo cruzeiro e outras construções como coretos, casa dos andores, bar, entre outras. O Santuário que valia pelo seu todo, com a capela branca a distinguir-se na paisagem verde, perdeu o carácter.

O calendário festivo actual começa em Maio com a festa tradicional, na terça-feira do Espírito Santo, festa marcadamente religiosa associada a antigos cultos agrários e agora, também, a N.ª Sr.ª de Fátima. Segue-se a grande festa/romaria que se celebra no terceiro domingo de Junho com a presença de muitos galegos das freguesias raianas. Muitos são os pagadores de promessas. Cumprem voltas à Capela, rezando o terço. Acendem velas num alpendre preparado para a ocasião. Alugam mortalhas que vão vestir para a missa e procissão. A maioria das promessas são feitas em ocasiões de doença, acidentes rodoviários e por motivos mais pessoais. É geral que a Senhora é muito milagrosa e são muitas as graças recebidas. Actualmente a maioria das promessas é paga em dinheiro – notas que colocam no andor – mas há ainda quem leve um alqueire de pão, vá amortalhado, faça novenas, ofereça ex-votos em cera, o anho mais bonito do rebanho, ande de joelhos, pague um andor, mande rezar uma missa.

17 No caso concreto da Senhora da Saúde não há mal que esta intercessão não remediasse porque, é Júlio Dinis quem afirma em *Serões da Província*, «uma romagem à Senhora no dia consagrado passava por a suprema medicina».

18 A. P. V. P. – *Libro das Contas...*, fls. 5-95v..

19 Informações baseadas em testemunhos orais, recolhidos no local.



Procissão – Festa de Junho de 1999

Logo depois é a festa do S. João, com missa cantada, sermão e procissão, altura em que os lavradores levam as vacas a cumprir promessas dando voltas à Capela. Em 15 de Agosto encerra-se o ciclo festivo, com a romaria para emigrantes.

Nem só de festas vive a capela. Ao longo do ano muitos são os devotos que lá se dirigem. Do lado esquerdo da porta principal há uma pequena janela por onde se vê a Senhora e um degrau onde quem quiser pode ajoelhar e rezar. Uns vão a pé aproveitando o passeio e muitos outros param o carro na estrada. Aí se celebram casamentos e missas. Aí acampam ciganos e escuteiros. A casa dos andores já foi posto da tele-escola. A situação privilegiada, junto à estrada que une Vilar a Montalegre, a beleza do lugar e a fama da Senhora da Saúde transformaram a capela do Reitor Paulo de Araújo num dos mais concorridos santuários de todo o Barroso.

Fontes e Bibliografia

Manuscritos

- A.D.B. – *Registo Geral*, Livros nº 33, 81, 83, 128, 212.
 A.D.B. – *Inquirições “de genere”*, pasta nº 686 (1730).
 A.N.T.T. – *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758.
 A.P.V.P. – *Inquérito Diocesano*, 1928.
 A.P.V.P. – *Libro das contas das Obras e Esmolas da Capela de Nossa Senhora da Saúde* (1763-1894).
 A.P.V.P. – Livro de Actas da Junta da Paróquia de São Miguel de Vilar de Perdizes (1836).
 A.P.V.P. – *Livro de Cópias de Testamento* (1788-1815).
 A.P.V.P. – *Livro de Cópia de Testamentos* (1816-1887).
 A.P.V.P. – *Livro de Defuntos* (1623-1637).
 A.P.V.P. – *Livro Misto* (1647-1666).
 A.P.V.P. – *Livro Misto* (1666-1687).
 A.P.V.P. – *Livro Misto* (1687-1703).

Bibliografia

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Religiosidade popular e ermidas em Religiosidade Popular*, nº 6, Porto, 1984.
 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *O Culto a Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna – Perspectiva Antropológica*, Separata da *Revista de História*, volume II, Centro de História da Universidade do Porto, Porto, 1979.
 ALMEIDA, Fortunato de - *História da Igreja em Portugal*, 4 volumes, Portucalense Editora, Porto, 1967-1971.
 ALVES, Joaquim Jaime Ferreira - *A Capela de Nossa Senhora da Pena em Estudos Transmontanos*, nº 2, Vila Real.
 ALVES, Natália Marinho - *O Santuário do Senhor da Perafita*, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Vila Real, Vila Real, 1987.
 ALVES, Natália Marinho Ferreira - *A Talha no Porto na Época Moderna*, 2 volumes, Documentos e Memórias para a História do Porto, XLVII, Arquivo Histórico e Câmara Municipal do Porto, Porto, 1989.
 ALVES, Natália Marinho Ferreira - *Elementos para o estudo da talha setecentista transmontana em Estudos Transmontanos*, nº 1, Vila Real, 1983.
 ALVES, Natália Marinho Ferreira - *Talha em PEREIRA, José Fernandes (Dir.) - Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, 1ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1989.
 ARQUITECTURA POPULAR EM PORTUGAL, 2ª edição, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980.

- ATANÁZIO, Manuel C. Mendes - *O Barroco e a Cultura Religiosa em Primeiro Congresso Internacional do Barroco*. 1º volume, Porto, 1991.
- BARREIROS, Manuel de Aguiar - *Nossa Senhora nas suas Imagens e no seu Culto na Arquidiocese de Braga*, Edição da Revista Opus Dei, Braga, 1931.
- BETTENCOURT, Moniz J. - *O Morgadio de Vilar de Perdizes*, Lisboa, 1986.
- CARDOSO, Luis - *Diccionario Geografico de Portugal*, 1747.
- COSTA, João Gonçalves da - *Montalegre e Terras de Barroso*, Câmara Municipal, 2ª edição, Montalegre, 1987.
- DIAS, Geraldo Coelho - *A Devoção do Povo Português a Nossa Senhora nos Tempos Modernos*, Separata da *Revista da Faculdade de Letras - História*, II série, volume IV, Porto, 1987.
- DIAS, Geraldo Coelho - *Arquétipos do Culto Mariano em Terras de Arouca em Rurália*, nº 1, Arouca, 1990.
- DIAS, Geraldo Coelho - *Coordenadas do Culto Mariano em Nossa Senhora na Devoção do Povo de Arouca*, Arouca, 1988.
- DINIS, Júlio - *Serões da Província*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1971.
- DUBY, Georges (Dir.), PERROT, Michelle - *Imagens da Mulher*, Edições Afrontamento, Porto, 1992.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés - *A Religião Popular Portuguesa*, Assírio e Alvim, 2ª edição, Lisboa, 1990.
- FONTES, António Lourenço - *A festa e as festas. Expressões de piedade popular em A Piedade Popular em Portugal da Idade Média aos Nossos Dias*, Separata de *Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias*, volume IX (2ª série), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1997.
- FONTES, António Lourenço - *Aras Romanas e Terras de Barroso Desaparecidas*, Separata de *Milenário de S. Rosendo*, Montalegre, 1978.
- FONTES, António Lourenço - *Cultura Popular da Zona do Barroso*, Separata de *Brigantia*, volume II, nº 4, Bragança, 1982.
- FONTES, António Lourenço - *Etnografia Transmontana*, 2 volumes, Editorial Domingos Barreira, Lisboa, 1992.
- LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho - *Portugal Antigo e Moderno: dicionário geográfico, estatístico, corográfico, heráldico, arqueológico, histórico, biográfico e etimológico de Portugal*, 12 volumes, Lisboa, 1886. Edição limitada e fac-similada, Braga, 1990.
- LIMA, Fernando de Castro Pires de (Dir.) - *A Virgem e Portugal*, 2 volumes, Edições Ouro, Porto, 1955.
- LIMA, Fernando de Castro Pires de (Dir.) - *A Arte Popular em Portugal*, Editorial Verbo, Lisboa, s/d.
- LOBO, Elvira - *A Doença e a Cura: Recorrência à Bruxaria na Procura da Saúde*, Estratégias Criativas, Vila Nova de Gaia, 1995.
- MACHADO, Montalvão - *O Arcipreste de Barroso*, Porto, 1959.
- MENDES, José Maria Amado - *Trás-os-Montes nos fins do século XVIII. Segundo o Manuscrito de 1796*, Textos de História 2, JNIC, Coimbra 1981.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - *Festividades Cíclicas em Portugal*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1984.
- PENTEADO, Pedro - *Peregrinos da Memória*, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1998.
- PEREIRA, José Fernandes (Dir.) - *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989.
- REIS, Jacinto dos Reis - *Invocações de Nossa Senhora em Portugal de Aquém e Além Mar e seu Padroado*, Cinquentenário das Aparições de Fátima, Lisboa, 1967.
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente Aparecidas, em graças dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*, 10 volumes, Lisboa, 1707 - 1723.
- SMITH, Robert C. - *A Talha em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1963.
- VELOSO, Manuel de Oliveira - *Nossa Senhora na Arquidiocese de Braga*, em *Segundo Congresso Nacional Mariano*, Braga, 1954.